



# PARALAPRACÃ



Os Cadernos de Experiências são materiais pedagógicos do programa Paralapracá destinados a profissionais que trabalham na Educação Infantil. Eles fazem parte da Coleção Paralapracá. Cada caderno aborda um eixo formativo – assim como a série de vídeos que também compõe a coleção – e visa apoiar os educadores na sua prática.

Este material foi elaborado a partir dos registros de professores e coordenadores pedagógicos, compilados durante a primeira edição do Paralapracá, que aconteceu entre 2010 e 2012, nos municípios de Feira de Santana·BA, Jaboatão dos Guararapes·PE, Campina Grande·PB, Teresina·PI e Caucaia·CE. Nas próximas páginas, há uma série de experiências vivenciadas pelos profissionais, crianças e seus familiares e comentadas por especialistas na área, a fim de explicitar questões teóricas, validar, problematizar e sugerir novas práticas pedagógicas a partir do que foi realizado.



DICAS



SAIBA MAIS

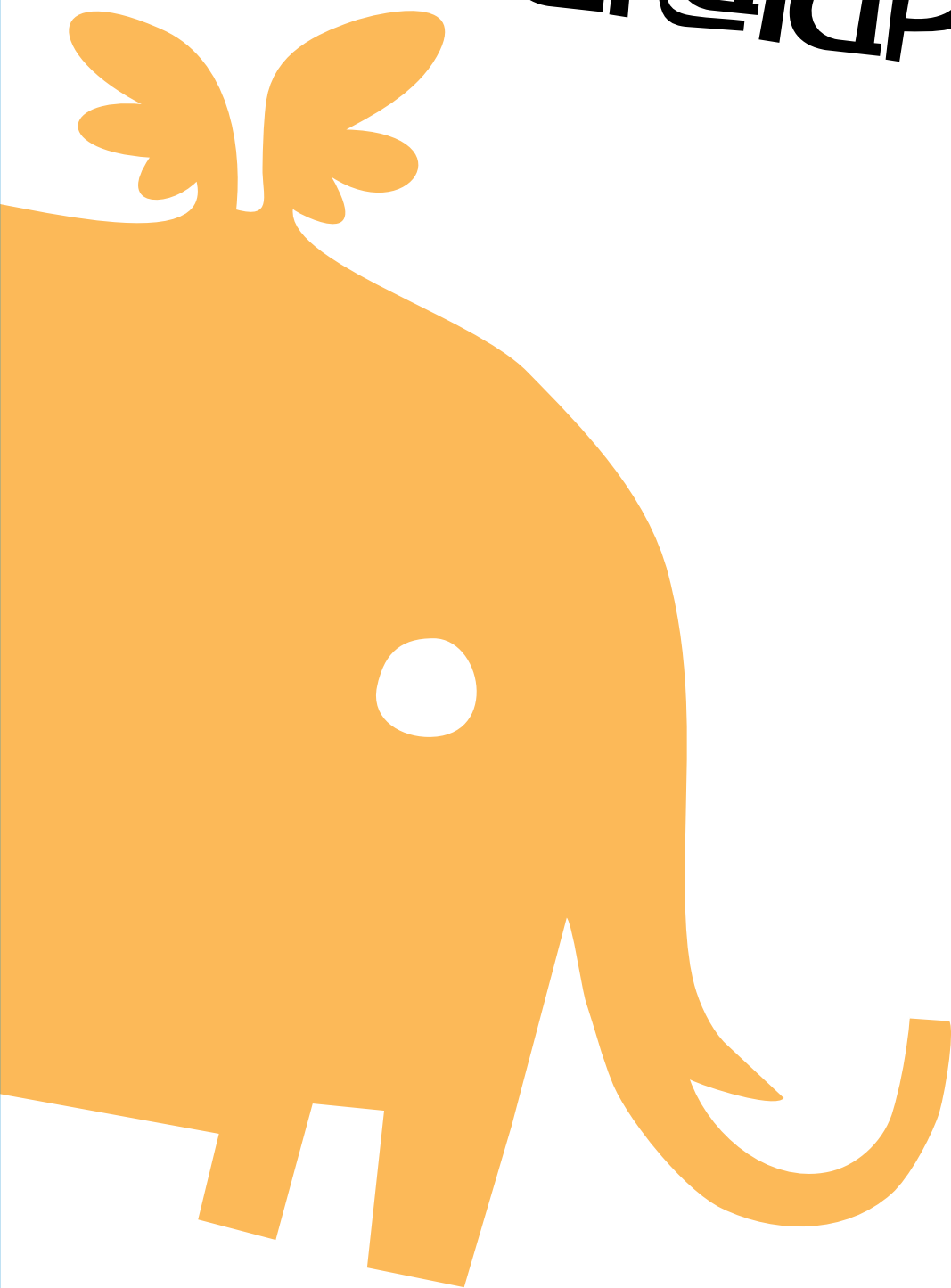


EDUCADOR



ESPECIALISTA

PARALAPRACĂ



O Caderno de Experiências *Assim se Brinca* é uma publicação do programa Paralapracá. O programa é uma frente de formação de profissionais da Educação Infantil criada em 2009, por meio de uma parceria entre a Avante – Educação e Mobilização Social e o Instituto C&A.

O Paralapracá foi implementado em diversos municípios e teve sua eficácia reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) em 2015, quando passou a integrar o Guia de Tecnologias Educacionais do MEC. O programa é uma metodologia da Avante, passível de ser implantada em regime de parceria em qualquer localidade brasileira.

Esta publicação faz parte da Coleção Paralapracá e está licenciada sob a Licença Creative Commons Atribuição Internacional 4.0 (CC BY 4.0). Para ver uma cópia desta licença, visite <[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)> ou envie uma carta para Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA, 94042, Estados Unidos.

**Realização**

Avante – Educação e Mobilização Social  
Instituto C&A

**Seleção de experiências pedagógicas**

Milla Alves  
Mônica Martins Samia

**Concepção**

Avante – Educação e Mobilização Social

**Leitura crítica**

Maria Thereza Marcilio

**Equipe de elaboração da Coleção  
Paralapracá****Revisão de estilística**

Clarissa Bittencourt de Pinho e Braga

**Coordenação editorial**

Mônica Martins Samia

**Atualização de conteúdos da 2ª edição**

Mônica Martins Samia

**Autoria**

Ana Oliva Marcilio

**Revisão técnica da 2ª edição**

Janine Schultz

**Coleta de experiências pedagógicas**

Maria Aparecida Freire de Oliveira Couto  
Fabíola Margeritha Bastos  
Janaina G. Viana de Souza  
Iany Bessa  
Lilian Galvão

**Produção editorial da 2ª edição**

Sandra Mara Costa

**Revisão ortográfica**

Mauro de Barros

**Projeto gráfico, editoração e ilustrações**

Santo Design



# Sumário

Apresentação	7
Assim se brinca	9
Dialogando com as práticas	11
Práticas comentadas	21



# Apresentação

A palavra “assim” pode indicar as diversas possibilidades de se fazer algo, a depender do contexto que este “algo” acontece e das pessoas que dele participam. No Paralapraca, “assim” representa a diversidade de fazeres e saberes encontrados nas mais de cem instituições de Educação Infantil que participaram da primeira edição deste programa de formação. O objetivo dos Cadernos de Experiências do Paralapraca é compartilhar as práticas vivenciadas e também realizar um diálogo entre teoria e prática, com vistas a se constituir em um material formativo.

A primeira edição do Paralapraca transcorreu entre os anos de 2010 e 2012 e trouxe uma proposta de formação continuada para profissionais da Educação Infantil tendo como base seis eixos formativos relevantes no currículo deste segmento: *Assim se Brinca*, *Assim se Faz Arte*, *Assim se Faz Música*, *Assim se Faz Literatura*, *Assim se Explora o Mundo* e *Assim se Organiza o Ambiente*. A iniciativa foi implementada em instituições de Educação Infantil de cinco municípios de diferentes Estados da região Nordeste do Brasil:

- Campina Grande • PB;
- Caucaia • CE;
- Feira de Santana • BA;
- Jaboatão dos Guararapes • PE;
- Teresina • PI.

A formação continuada provida pela ONG Avante – Educação e Mobilização Social, parceira do Instituto C&A na criação do Paralapraca, bem como o acompanhamento do trabalho das instituições de Educação Infantil que participaram da iniciativa, permitiu o registro e a sistematização

de suas práticas pedagógicas e produções culturais. Parte das experiências retratadas pelos profissionais foi, então, transformada nesta nova série de cadernos.

Os caminhos percorridos e registrados revelaram as mudanças ocorridas, os resultados e a reflexão sobre as práticas e as concepções de infância e de Educação Infantil que, por sua vez, foram sendo revisitadas, problematizadas e reconstruídas no percurso. Os registros indicam um caminho trilhado, não um ponto de chegada. Foi muito importante documentar este processo formativo para aqueles que dele participaram. Por meio desse recurso, tem-se a oportunidade de ajudar outros interlocutores a vislumbrar e a pensar sobre novas possibilidades e novos percursos.

É possível que, ao degustar o material, se identifiquem distâncias entre o dito e o vivido, o teorizado e a prática, o desejado e o realizado. No Paralapraca, assumimos que essas distâncias são parte inerente do processo e as consideramos provocativas. Nós esperamos que elas fomentem um ambiente reflexivo, assim como o olhar criterioso e diverso na busca de práticas pedagógicas mais coerentes, conscientes e possíveis.

Apresentamos os seis eixos formativos em separado nos Cadernos de Experiências, mas como linguagens e elementos curriculares eles se integram, e isso é explicitado muitas vezes nos registros. Este é um alerta necessário para manter os profissionais atentos ao enfoque integrado que deve caracterizar o currículo da Educação Infantil.

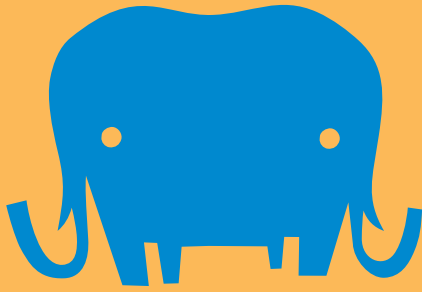
Esperamos que, acima de tudo, esta publicação seja capaz de apontar caminhos possíveis para outros educadores e que estes possam se inspirar e conhecer um pouco da trajetória daqueles que escreveram a história do Paralapraca em sua primeira edição. Ela expressa os valores e o reconhecimento da Avante e do Instituto C&A de todo esse processo de reflexão e transformação pelas quais diversas redes municipais de educação e seus profissionais passaram no decorrer da formação.



# Assim se brinca

Brincadeiras nos ensinam quem  
realmente somos.

RENATA MEIRELES



O brincar, forma natural de experiência e expressão da criança, sobretudo da criança pequena, é paradoxal e culturalmente adquirido, transmitido e experienciado. Transitar sobre o paradoxo do natural e do cultural no universo lúdico da infância é fundamental para o profissional da Educação Infantil.

A criança, naturalmente, brinca. Ao brincar, culturalmente se expressa: internaliza aspectos do mundo que a cerca e põe para fora a sua percepção, os seus pensamentos e sentimentos sobre este mesmo mundo. Portanto, para o professor, a brincadeira tanto serve como estratégia ou recurso pedagógico que facilita o processo de aprendizagem e favorece o desenvolvimento da criança, como servirá, também, para conhecer melhor a criança e seu contexto sociocultural.

O mais importante, entretanto, é a compreensão da brincadeira como intrínseca à infância. É natural, é cultural e é de direito. Fundamental e fundante do ser criança, o brincar infantil, principalmente nos seis primeiros anos de vida, vai transpor qualquer barreira e vai se realizar, mesmo que a única forma que encontre seja inscrita na própria criança. A brincadeira transborda através do corpo, do movimento, da imaginação, do ritmo, das palavras, e vai se materializar em toda e qualquer criança. Diante do imperativo do brincar na criança, o Plano Nacional pela Primeira Infância (PNPI)<sup>1</sup> não só reitera a noção do brincar como direito da criança, como tem entre seus objetivos:

Incentivar o lúdico como inesgotável e fluente conteúdo de aprendizagem da criança sobre si mesma, sobre a cultura e sobre as formas de relação com os outros, sem que sua função subsidiária de recurso didático ou procedimento para organizar o processo de educação esvazie o verdadeiro sentido que ele tem para a criança.

RNPI, 2010, p. 74

O eixo Assim se Brinca propõe um diálogo so-

bre o brincar com profissionais de educação, a partir de suas observações, reflexões e relatos de práticas. Este foi o primeiro desafio lançado aos Centros de Educação Infantil pelo Paralapracá, ainda no ano de 2011. Nessa época, a importância do brincar na educação, e principalmente na vida da criança pequena, já fazia parte do discurso de profissionais. Também já era reconhecida a importância do brincar em marcos legais e regulatórios que norteiam as políticas públicas para a infância no país — a exemplo do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) e do Plano Nacional pela Primeira Infância (PNPI).

No cotidiano da Educação Infantil, entretanto, essa valorização, percebida tanto no discurso quanto no plano político, não se traduzia em prática vivenciada em diversas instituições. O brincar se fazia, sim, presente e vivo na instituição, porém se via constrangido por barreiras visíveis, como tempo, espaço físico e materiais oferecidos, e também pelas barreiras invisíveis ou menos tangíveis, como currículo, cultura, planejamento, avaliação, concepções e práticas pedagógicas. Lia Raquel G. de Melo, diretora do CMEI Madre Thereza de Calcutá no Piauí, assim expressa essa situação:

A chegada do Paralapracá em nosso CMEI veio preencher uma lacuna existente. Sabíamos da importância do brincar na Educação Infantil, mas encontrávamos dificuldades em implementá-lo em sala. Com a implantação do Paralapracá, conseguimos que nossas professoras refletissem sobre sua prática pedagógica e a importância do brincar para o desenvolvimento infantil e mudassem sua forma de pensar em relação ao brincar. O que percebemos foi uma mudança de atitude e comportamento por parte das professoras em relação às brincadeiras e de nossas crianças, que estão mais felizes.

<sup>1</sup> O Plano Nacional Primeira Infância, ou PNPI, integra o Plano Decenal de Direitos da Criança e do Adolescente, sendo o documento norteador, em nível nacional, de todas as políticas públicas para as crianças de 0 a 6 anos, até o ano de 2022. O PNPI foi escrito coletivamente por membros da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI). Para mais informações, acesse <[www.primeirainfancia.org.br](http://www.primeirainfancia.org.br)>.

# Dialogando com as práticas

## Um olhar apurado



O primeiro grande impacto percebido, a partir do que nos contam os professores e coordenadores das instituições que receberam o Paralapraca, é que as “barreiras visíveis” que impediam a garantia do direito ao brincar foram rapidamente transpostas. Houve, de imediato, um aumento significativo no brincar (em termos de tempo, espaço, diversidade e materiais).

Este fato, por si só, já é motivo de alegria e orgulho para os que compartilharam essa jornada. A coordenadora Rute Ana Teles, da Escola Municipal Doce Lar da Criança, relata:

Com o início dos estudos acerca da importância do brincar, em especial para a Educação Infantil, fizemos alterações na nossa forma de trabalho. O brincar não deve ser apenas no pátio. O brincar pode ocorrer em qualquer espaço escolar, inclusive na sala, onde dão diferentes significados aos objetos e aos próprios brinquedos.

RUTE ANA TELES, COORDEADORA DA ESCOLA MUNICIPAL DOCE LAR DA CRIANÇA, EM FEIRA DE SANTANA · BA



Assim como Rute, outros professores e coordenadores mostram o aumento da presença de brincadeiras na escola, bem como um olhar diferenciado sobre o espaço do brincar na Educação Infantil, buscando alternativas



A brincadeira é a atividade principal da criança, aquela em conexão com a qual ocorrem as mais significativas mudanças no desenvolvimento psíquico do sujeito e na qual se desenvolvem os processos psicológicos que preparam o caminho da transição da criança em direção a um novo e mais elevado nível de desenvolvimento.

LEONTIEV





para situações que o dificultam, a exemplo da falta de espaços específicos ou da escassez de brinquedos.★ A professora Simone Siqueira Franklin, por exemplo, testemunhou a apropriação do parquinho como referência para a criação de jogos simbólicos, na Escola Jesus de Nazaré:

★ A sessão *Cá entre nós*, do Caderno de Orientação *Assim se Brinca*, traz algumas perguntas que convidam o professor a refletir sobre como está o direito ao brincar em seu Centro de Educação Infantil.

A hora da recreação no pátio é com certeza para as crianças o momento mais especial, pois neste ano, além de elas estarem com um espaço amplo e livre, também têm o espaço onde está localizado um parquinho, que, enquanto para as crianças é motivo de muita alegria, para algumas mães é motivo de muita preocupação. As mães acreditam que brincando naquele parquinho as crianças irão se machucar, e muitas delas até proíbem as suas crianças de brincar. Porém toda a equipe educacional tem se unido em prol de desconstruir esses pensamentos dos pais e orientar para que essas crianças não



percam esses momentos das brincadeiras; essa passagem pela infância com certeza deixou marcas significativas em alguns adultos. Enquanto professora, observei um momento muito especial na brincadeira no parquinho, onde uma das crianças, em vez de estar se balançando, escorregando, subindo e descendo como as outras, ficou parada na subida da escada e gritava: "Guararapes Cobal, conjunto Muribeca". E começou aquele momento mágico, em que as crianças faziam de conta estar no micro-ônibus, que é uma realidade existente em Jaboatão. Surgiram situações de uso do dinheiro, questionamentos sobre o troco. E durante o resto do tempo no parquinho, aquele era o faz de conta das crianças, onde todas começaram a brincar. Foi muito interessante, um momento mágico!

★ Procurar um pião escondido no caule de uma árvore, construir um barquinho com a folha de uma palmeira, fazer uma corrida de cavalos feitos de palha de carnaúba seca: crianças brincam por toda a parte e, assim, exploram e experimentam o mundo que está à sua volta. Podem passar um bom tempo na areia, construindo castelos que serão levados pelo mar. Ou brincando com algum inseto, como um tatu-bola que abre e fecha com seu toque. Ou até correndo atrás de um pássaro que, quando ela chega perto, voa. Toda criança merece um espaço de liberdade, sonho, criação. Brincar é um direito e uma forma de expressão e nos proporciona experiências coletivas e individuais.

SIMONE SIQUEIRA FRANKLIN, ESCOLA JESUS DE NAZARÉ, EM JABOATÃO DOS GUARARAPES · PE



Em seu artigo “A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança”, Vigotski (2008) fala sobre como, na brincadeira, o “significado emancipa-se do objeto”, reiterando que, “na brincadeira, a criança cria uma situação imaginária. Parece-me que é esse o critério que deve ser adotado para distinguir a atividade de brincar dentro do grupo geral de outras formas de atividade da criança. Isso se torna possível em razão da divergência, que surge na idade pré-escolar, entre o campo visual e o semântico”. (VIGOTSKI, L. 2008. p. 26). Neste sentido, para a criança, vale tanto sua imaginação, pensamento, sentimento, quanto o objeto real e palpável. No relato da professora Simone, a escada, que vira micro-ônibus, ilustra essa linha de argumentação. A criança sai da realidade do parque e chega à realidade de seu mundo, seu caminho para a escola/casa. Neste caso, a criança ainda leva consigo, em sua viagem semântica para um imaginário coletivo, seus colegas, que, compartilhando da mesma realidade cotidiana, podem embarcar na mesma realidade imaginária.



ACERVO PARALAPRACA



As mudanças percebidas nos tempos e espaços destinados às brincadeiras refletem a transformação de atitudes, valores e comportamentos dos profissionais de educação acerca do brincar. É o primeiro passo da caminhada para transpor as barreiras invisíveis que afetam o cotidiano da Educação Infantil. Em Campina Grande · PB, uma professora conta: “Passamos a ver a brincadeira como um processo, e não apenas como o resultado de uma atividade. Com o Paralapracá reaprendemos a brincar”. Outro passo importante nessa caminhada é o diálogo com a família. A professora Simone Siqueira Franklin trouxe em sua reflexão que “a família tem percepções, concepções e sentimentos acerca do brincar que devem fazer parte das reflexões e do planejamento das ações da escola”.

No exemplo trazido pela professora, os pais mostram-se preocupados com a segurança das crianças. O que é um sentimento legítimo! Nesses casos, é preciso estar atento a essa preocupação e buscar dar aos pais a segurança necessária para que a escola, a criança e a família fiquem confortáveis com o brincar. Isso pode ser feito tanto com a oferta de espaços seguros, de acordo com as normas ou diretrizes de segurança, como por meio de conversas contínuas informais e também formais (em reunião de pais, por exemplo).

Já em Feira de Santana · BA, as professoras Dinah Pinto de Mattos e Ana Patrícia S. de Santana, da Escola Municipal Novo Horizonte, comentam que passaram a enxergar o brincar como uma necessidade básica da criança, assim como comer, beber ou dormir. E no Piauí, a professora Maria das Graças de S. Abreu fala dos impactos do brincar sobre ela mesma:

Quando me deparei com o Paralapracá, me senti uma criança, voltei a brincar, a cantar e até mesmo aprender com as próprias crianças. Brincando, passamos a conhecer cada criança, suas capacidades e dificuldades. Após as discussões na formação do Paralapracá, vejo que, através das brincadeiras, as crianças aprendem mais rápido, memorizam canções, sinto que são mais felizes.

PROFESSORA MARIA DAS GRAÇAS, CMEI MADRE TERESA DE CALCUTÁ, TERESINA · PI





As experiências lúdicas vivenciadas pelos professores, coordenadores, auxiliares e pelas próprias crianças, bem como a reflexão e o estudo acerca do brincar, levaram os educadores a fazer das brincadeiras parte também do planejamento, da reflexão, da observação e do processo de avaliação na Educação Infantil. ■ A presença do brincar no planejamento das atividades implica uma série de mudanças de atitude, a exemplo de maior

intencionalidade do professor, maior diversificação do brincar e, mesmo, mudança no papel e na postura do profissional nos momentos de brincadeiras. Na prática, houve, por exemplo, mudança no documento de matrícula da criança na Creche Marcos Freire com a pergunta “Do que a criança gosta de brincar?”, incorporando a sugestão de Circe Andrade no vídeo *Assim se Brinca*, da Coleção Paralapraca.

As transformações ocorridas no cotidiano e na prática pedagógica e seus impactos na criança são reflexos das transformações ocorridas com o próprio professor, que a partir das atividades formativas do Paralapraca muda de atitude e ação com o brincar, do planejamento à avaliação:

A forma como o professor participa ou oferece o momento de brincar também precisa ser vista de uma maneira especial. A partir dos estudos, começamos a pesquisar novidades para inserir no nosso trabalho, dando um toque especial nas brincadeiras de nossos pais, que por sinal estavam sendo esquecidas, sem se perceber quão grande estava sendo a perda. Estudando o brincar, nosso modo de trabalho mudou, o que favoreceu, e muito, o desenvolvimento das crianças.

RUTE ANA TELES, COORDENADORA DA ESCOLA MUNICIPAL DOCE LAR DA CRIANÇA, FEIRA DE SANTANA · BA



Reencontrar a infância esquecida ou recusada é uma jornada fundamental para aqueles que querem levar o brincar a sério. É pensando nisso que o Plano Nacional Primeira Infância indica que é preciso possibilitar nos espaços formativos e nos diálogos com famílias, cuidadores e educadores a conversa/estudo sobre o brincar e a vivência da brincadeira pelos próprios adultos.

(PNPI, P. 73)



Os relatos e reflexões dos professores mostram que, de maneira geral, o brincar ganhou tempo, espaço e respeito nas escolas por onde o Paralapraca andou. Um aspecto que deve ser ressaltado é que a atitude





do professor ou coordenador mudou, dando lugar à vontade de fazer o brincar acontecer, pelo entendimento de sua relevância no processo de aprendizagem e bem-estar da criança. Hoje se busca transpor as barreiras que dificultam o brincar cotidiano, criando espaços, diversificando a prática e construindo brinquedos. Essa atitude de “encarar o desafio”, para fazer a brincadeira acontecer, é fundamental para que a Educação Infantil se consolide como espaço e tempo do brincar, respeitando características do desenvolvimento infantil. É com este intuito que os professores precisam ser provocados, para que possam questionar, fortalecer ou mudar suas práticas, possibilitando mais reflexão e mais brincadeira na escola ou na instituição.

Além de brincar ser fundamental para o desenvolvimento e a aprendizagem, há também a questão do direito ao acesso à brincadeira como patrimônio cultural.

A conversa sobre a dimensão cultural da brincadeira costura dois diferentes relatos de experiências vividas em diferentes contextos (em Matinha, na Bahia, e no bairro das Malvinas, na Paraíba). Eles foram trazidos por diferentes vozes e gerações (uma avó e uma criança), contados por diferentes atores (uma coordenadora e uma professora), a partir de diferentes propostas (uma homenagem às avós e uma atividade de brincar sugerida pelas crianças), ambas culminando em uma mesma brincadeira: a Melancia! ★

Nas duas propostas, os educadores exploraram a dimensão cultural da brincadeira e permitiram que a família ou a própria criança trouxesse, para a instituição, parte de seu repertório cultural. Interessante notar

🔍 Para proteger os direitos da infância e o direito incondicional à amizade e à habilidade de se divertir, nós temos que preservar o direito à brincadeira para cada indivíduo. Pois é através dela que é criado o conjunto de imagens culturais da criança, que é uma ferramenta muito importante no seu processo de descobrimento, conhecimento, e que a ajuda a tornar-se um ser social.

KISHIMOTO, 2007, P. 12

★ Para saber mais sobre a brincadeira Melancia, consulte a publicação *Estação Paralapracá: menu de paisagens culturais*, nas Paisagens Lúdicas. Lá, você vai ver em detalhes como é a brincadeira e, se quiser, pode brincar com as crianças também!

Essa brincadeira também é citada no livro de Adriana Friedmann *O brincar no cotidiano da criança* (2006). A autora categoriza essa brincadeira como Jogos de Representação. Na apresentação do livro, a autora fala sobre a importância do “reconhecimento desse patrimônio lúdico” e de sua relevância para as instituições de Educação Infantil.



ACERVO PARALAPRACA



A substância do brincar é a alegria.  
LYDIA HORTÉLIO

como uma mesma brincadeira se faz viva na memória da avó e na memória da criança, em diferentes Estados.

No dia 25 de julho, foi feita uma homenagem às avós das crianças de nossa escola pela passagem do seu dia. Na ocasião, entre outras atividades desenvolvidas, planejamos um momento em que elas pudessem compartilhar conosco um pouco da sua infância, valorizando dessa forma os saberes culturais locais em relação a diferentes eixos do projeto: brincar, contação de histórias e música.

Muitas avós quiseram participar. Foi um momento muito rico, haja vista que as crianças tiveram acesso a elementos que hoje não fazem parte do seu universo infantil, ou seja, conheceram canções, brincadeiras e histórias que povoam a história da Matinha, mas que estão na maioria das vezes apenas no imaginário das pessoas mais velhas. A fim de dar destaque ao eixo “brincar”, selecionamos duas brincadeiras lembradas e ensinadas por uma delas (D. Maria Odília de Jesus) para compor este registro: “boca de forno” e “melancia”.

MÔNICA B. DE A. ALVES, COORDENADORA DA ESCOLA MUNICIPAL ANÍZIO PEREIRA BERNARDES, FEIRA DE SANTANA · BA

O aluno Edson Francisco mora próximo à creche, no bairro Malvinas. Como estávamos trabalhando sobre brincadeiras, perguntei quem conhecia alguma e pedi que perguntassem aos pais quais as brincadeiras de infância. Ele (Edson) imediatamente falou da brincadeira da Melancia e sentiu-se feliz ao ser ouvido por todos e pelo interesse que despertou nos colegas. A brincadeira inicia-se com roubos de melancias que, ao final, quando vão sendo resgatadas, lembra a brincadeira do pega-pega. As crianças gostaram muito de brincar, então resolvi registrar por ter valor cultural muito rico e por ter sido trazido pela própria criança. Quando foi perguntado com quantas crianças pode-se brincar e as idades, ele disse que todos podem, independentemente da quantidade e da idade. Bom, isso ficará a critério do líder.

SOLANGE DA SILVA GALDINO, PROFESSORA DO GRUPO DE CRIANÇAS DE 6 ANOS, CRECHE SEVERINO CABRAL, CAMPINA GRANDE · PB





Os relatos nos ensinam que trazer diferentes gerações para a instituição de Educação Infantil fortalece vínculos familiares e entre família e escola. Trazer avós para falar sobre suas brincadeiras é uma ótima estratégia para explorar o repertório de brincadeiras locais, partindo de dentro da casa de cada criança.

Como vimos ao longo desse eixo, brincar é dimensão fundamental do ser criança: é linguagem, expressão, pensamento, repertório cultural, característica natural e intrínseca, e é direito também.

A função mediadora do adulto requer uma ampliação do conhecimento sobre a importância do brincar no desenvolvimento infantil e também, em muitos deles, o resgate da esquecida ou recusada dimensão lúdica de sua infância. Sendo assim, é preciso incluir nos encontros com as famílias das crianças e nos cursos de formação dos profissionais da Educação Infantil os meios que possibilitem a esses adultos dialogar sobre o brincar e reviver a brincadeira em si próprios. O resgate de sua dimensão lúdica torna o adulto mais sensível aos processos de desenvolvimento da criança.

PNPI, P. 73

Essa dimensão traz consigo implicações profundas para o professor: do planejamento à avaliação, da atitude ao comportamento, da forma como ensina, mas também da forma como aprende, na própria formação do professor, o brincar deve mais do que estar presente, ele deve ser foco e intenção.

# Práticas comentadas

## Brincar sempre

**KARINE DA CRUZ COSTA** PROFESSORA  
PRÉ-ESCOLA MUNICIPAL CORIOLANO  
FARIAS DE CARVALHO, FEIRA DE  
SANTANA · BA



Em nossa escola a brincadeira é contemplada no planejamento diário, com duração de trinta minutos, e acontece em espaços variados. Utilizamos um cantinho na sala para brincar com a caixa de brinquedo. A área externa nos serve de grande aliada para brincadeiras de roda, pega-pega, entre outras. Há dois cantinhos entre as salas que, por diversas vezes, se transformam em grandes palácios, salões de beleza<sup>1</sup>, que denominamos cantinho do faz de conta. A brincadeira também acontece na sala da lousa digital e na pracinha em frente à escola. Pelo menos uma vez por semana<sup>2</sup> a brincadeira é planejada para a área externa.<sup>3</sup>

Não temos brinquedos fixos na

**1** Esses ambientes (educativos e de saúde) são espaços de gênero, refletindo o fato de que as forças de trabalho que tratam dos primeiros anos da infância são predominantemente femininas. Esse ambiente inerentemente feminino é potencial (e inconscientemente), refletido nos valores, nas atitudes e nos comportamentos que são encorajados e naqueles que são rejeitados quando as crianças se envolvem em brincadeiras.

BROCK, DODS, JARVIS E OLUSOGA, 2011, P. 84

**2** Essa atitude de diversificação e cuidado com o brincar contrasta com o tempo reduzido. A meia hora diária não poderia ganhar força e tempo na escola e no planejamento?

**3** É importante a instituição de Educação Infantil não se encerrar em muros e barreiras e usar a cidade como ambiente educador e como espaço de criança! Nesse caso, a professora busca espaços alternativos para o brincar, utilizando inclusive os espaços fora da escola (a praça).



área. Isso faz muita falta, pois não podemos planejar momentos do brincar num parquinho. Algumas vezes levamos nossas crianças para a área externa para brincarem livremente — aí elas têm a preferência por correr e gritar, ficam com uma expressão de felicidade e é difícil convencê-las de que acabou a brincadeira.<sup>4</sup>

Colocamos em cada sala uma caixa com brinquedos diversos, que ficam ao alcance das crianças. Construímos com elas os combinados quanto aos momentos de utilização dos brinquedos e vemos que a maioria cumpre com os combinados, internalizando mesmo as regras propostas. Vale ressaltar que temos uma grande frustração, pois não temos disponíveis brinquedos novos e de boa qualidade; na maioria das vezes, os brinquedos são comprados pelas professoras ou doados e já bem gastos e alguns quebrados. Sempre que possível, as professoras jogam as sucatas fora e tentam, na medida do possível, repor os brinquedos. Temos o apoio da direção e coordenação nessa reposição.

Cada uma das professoras, ao planejar as brincadeiras, já sabe que o envolvimento delas é imprescindível para que as crianças possam desenvolver o interesse pela brincadeira proposta. Então é comum vermos as professoras sentadas, brincando junto, participando ativamente da proposta. Não raramente, observamos a diretora e a coordenadora sentadas ou ajoelhadas, perto de grupo de crianças, fazendo boas intervenções no momento do brincar. Gostaria de registrar dois momentos que observei enquanto brincávamos:

- A diretora da escola passando, viu um conflito entre meninas do grupo de três anos, ao brincarem de sala. Foi se aproximando como uma das clientes e fez uma mediação em que o conflito foi superado por elas e a brincadeira voltou a acontecer com



4 Correr, gritar e brincar de luta são algumas brincadeiras muito presentes no brincar livre, aquele realmente livre, onde a criança faz o que realmente deseja, sobretudo entre meninos. São brincadeiras que agitam, fazem barulho ou são vistas como violentas, ou “pseudo-violentas” como chama Olugosa (2011); e por isso, são muitas vezes cortadas ou restringidas no cotidiano escolar. Porém são experiências lúdicas importantes. Você já experimentou observar esses momentos ou mesmo participar de brincadeiras de luta? Seria interessante e, segundo a autora, a falta de observação e de tolerância com essas brincadeiras dificulta a compreensão do adulto e o manejo dessas experiências.



O faz de conta é um dos veículos em que as solidões são partilhadas, a forma única de cada criança compreender e interpretar o mundo, imitando-o conforme sua realidade, seus sonhos, seus medos ou sua imaginação.

ADRIANA FRIEDMANN



alegria e participação de todas as envolvidas.<sup>5</sup>

- A coordenadora, ao perceber que um grupo de crianças brincava no começo do ano de uma forma agressiva com os bebês, sentou-se perto e começou seus cuidados com uma boneca. Isso chamou a atenção das crianças, que tiveram suas atitudes modificadas ao longo da brincadeira.

A brincadeira do faz de conta é uma das preferidas, mesmo sem espaços e brinquedos apropriados, as crianças se envolvem bastante. Esta brincadeira possibilita que assumam diferentes papéis, é gostoso vê-las brincando e reproduzindo o mundo em suas falas e ações.<sup>6</sup> Recentemente, uma criança de 3 anos estava brincando, em frente ao espelho, de cantora. Eu estava arrumando umas tarefas na mesa, ela estava preocupada se eu a olhava, e então cantava, fazia os gestos e olhava desconfiada, envergonhada. Eu fiz de conta que não estava vendo, para ela ficar mais à vontade. Depois que saiu da frente do espelho, chamou uma colega para brincar também e disse: “É bom! Vamos! A pró nem olha!”

Posso refletir sobre a importância de propor esta brincadeira em espaços apropriados para que elas se sintam livres dos olhares dos adultos.

**5** A professora marca a importância do adulto em participar da brincadeira, em estar junto, como diz Circe Andrade no vídeo *Assim se Brinca*, da Coleção Parlapracá. Neste caso, a coordenadora utilizou-se do momento lúdico para mediar um conflito. O papel do professor na hora da brincadeira é variado. O professor pode ser o proponente de uma forma de brincar. Ele também pode se engajar em uma atividade que uma criança ou um grupo de crianças realiza, seja por sua própria vontade ou atribuição, seja pela demanda da própria criança. Ele pode e deve brincar só por brincar, mas deve também observar as brincadeiras e as crianças, utilizar o brincar para mediar conflitos, fortalecer vínculos, desenvolver atitudes, comportamentos ou conhecimentos importantes ou aproveitar para conhecer um pouquinho mais da história, cultura e modos de viver das crianças. Uma das mudanças verificadas pelos professores de diversos CMEI foi na sua percepção da importância da brincadeira, com reflexos positivos também no seu comportamento.

**6** Friedmann (2011) traz elementos importantes sobre a atitude de observar as brincadeiras: “Quem observa precisa estar muito conectado para adentrar a interioridade da brincadeira; conectado não somente com a situação e reações dos brincantes, mas com suas próprias percepções, insights e emoções. Ao mesmo tempo, há desafios que se lhe apresentam: não interferir, não julgar, ser o mais objetivo possível com relação ao que acontece e, concomitantemente, ser o mais subjetivo possível com relação ao que sente”.



# Brincadeira da teia


**VANILSA DINIZ SOARES** PROFESSORA


CRECHE VOVÓ ADALGISA,  
CAMPINA GRANDE - PB



Desde o nascimento, a criança vive imersa em um espaço em que tanto ela quanto os objetos que a rodeiam formam um conjunto de relações que se estruturam com grande complexidade. Daí a necessidade de percebê-las, reconhecê-las e tocá-las. Pensando em desenvolver ainda mais a motricidade em situações cotidianas, realizamos a brincadeira da teia,<sup>7</sup> colocando, ao final da mesma, estímulos visuais como: brinquedos coloridos que chamassem a atenção e levassem as crianças a ultrapassar os obstáculos que a mesma oferecia até chegarem lá.<sup>8</sup>

Ao movimentarem o corpo no espaço da teia, percebemos que a brincadeira ajudou ainda mais: algumas crianças conseguiram engatinhar melhor e outras, que estavam no processo de andar, a alternar um pé de cada vez sem medo de cair, tornando o mundo que as rodeia mais alegre, divertido e desafiador. Pois o objetivo não era só constituir atos motores, mas levar as crianças a pensar e explorar um jeito mais fácil de chegar, como também de socializar umas com as outras em harmonia. Portanto, a brincadeira veio como uma ferramenta, abrindo caminho para despertar a autonomia, a criatividade e a exploração e a interagir ainda mais com seus amigos e o meio onde estão inseridas.

 **7** Toda a proposta de desenvolvimento da atividade parece estar afinada com as ideias acerca do brincar postas nessa conversa. No planejamento, a intencionalidade do professor e o suporte teórico e curricular para a brincadeira proposta. Na ação, a organização do ambiente adequado à faixa etária, promovendo espaço seguro e ao mesmo tempo desafiador, estimulante e provocador. Atitude do adulto durante o desenvolvimento respeitando princípios básicos do brincar: a liberdade e o desejo de brincar e o apoio às necessidades diversas das crianças respeitando o momento de cada um.

 **8** A organização do ambiente é fundamental na Educação Infantil. No vídeo *Assim se Organiza o Ambiente*, da Coleção Paralapracá, diferentes aspectos sobre essa organização são abordados. Theza Marcílio fala acerca de ambientes que sejam, além de seguros, estimuladores da curiosidade, desafiadores acessíveis e variados. Mônica Samia traz o ambiente como revelador da concepção pedagógica da instituição e da importância do planejamento e Beatriz Ferraz argumenta acerca do ambiente como um “terceiro” educador. A brincadeira da teia revela exatamente essa ação voltada para a organização do ambiente educacional, traduzindo, claramente, as ideias dos professores sobre a importância do brincar na Educação Infantil.



A brincadeira envolve tentativas da criança de buscar harmonia e completude dentro de si mesma, respondendo a uma pulsão expansiva que lhe pede incessantemente por desafios, atividades autopropostas, que acordam dentro delas novas possibilidades.

MARIA AMÉLIA P. PEREIRA

Caso fosse somente pelos desafios motores, ou somente pelo prazer de brincar, a atividade não teria valido a pena? A presença da brincadeira na Educação Infantil vale por si mesma, pelo sorriso no rosto, desafio transposto, intencional ou não.



## Lá

- FERREIRA, Zenilda. *Tempos e espaços para brincar: o parque como palco e cenário das culturas lúdicas*. In: ROCHA, Eloisa A.C. e KRAMER, Sonia (Orgs.). *Educação Infantil: enfoques em diálogo*, p. 157 a 176. Campinas-SP: Papyrus, 2011.
- FRIEDMANN, Adriana. *O brincar no cotidiano da criança*. São Paulo-SP: Moderna, 2006.
- FRIEDMANN, Adriana. *Paisagens infantis: uma incursão pelas naturezas, linguagens e culturas das crianças*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- OLUSOGA, Yinka. *Nós não brincamos assim aqui: perspectivas sociais e de gênero sobre a brincadeira*. In: BROCK, Avril; DODDS, Sylvia; JARVIS, Pam e OLUSOGA, Y. *Brincar, Aprendizagem para a Vida*, p. 61 a 92. Porto Alegre-RS: Penso, 2011.
- PEREIRA, Maria Amélia P. *Casa Redonda: uma experiência em educação*. São Paulo: Ed. Livre, 2013.
- SARAIVA, Juracy A e col. *Palavras, brinquedos e brincadeiras: cultura oral na escola*. Porto Alegre-RS: Artmed, 2011.
- VIGOTSKI, L. *A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança*. In: Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, nº 08, Abril/2004, Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro-RJ, 2008.
- REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA. *Plano Nacional pela Primeira Infância*. Brasília-DF, 2010.





DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Marcilio, Ana Oliva *Caderno de experiências: assim se brinca* / [autoria Ana Oliva Marcilio ; curadoria Avante – Educação e Mobilização Social, Instituto C&A]. -- 2. ed. -- Salvador, BA : Avante – Educação e Mobilização Social, 2018. -- (Coleção Paralapracá)

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-60828-19-7

ISBN 978-85-60828-13-5 (coleção)

1. Coordenadores pedagógicos 2. Educação infantil 3. Educadores - Formação 4. Formação continuada 5. Paralapracá I. Avante – Educação e Mobilização Social. II. Instituto C&A. III. Título. IV. Série.

18-13593

CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação infantil 372.21

Esta publicação foi escrita por muitas mãos! As mãos de quem viveu ou testemunhou as experiências: professores/as, coordenadores/as e gestores/as das instituições de Educação Infantil parceiras do Paralapracá. As mãos e o olhar cuidadoso de estudiosos da Educação Infantil que realizaram o diálogo teórico e contribuíram com elementos reflexivos. As mãos laboriosas das assessoras e supervisoras do Paralapracá que contribuíram de forma especial para a coleta dos registros. As mãos de diferentes colaboradores que se debruçaram sobre os registros e os organizaram, mantendo a riqueza das experiências e articulando-os para melhor apreciação. A todos, o nosso reconhecimento, respeito e admiração!



